



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III\_GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**GERLANE FAUSTINO DOS SANTOS**

**ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO: SERRA DA RAÍZ 1960/1970**

**GUARABIRA-PB  
2012**

**GERLANE FAUSTINO DOS SANTOS**

**ENTRE O MODERNO E O TRADICIONAL: SERRA DA RAIZ 1960/1970**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Dra Edna Maria Nóbrega Araújo

**GUARABIRA-PB**

**2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S237e

Santos, Gerlane Faustino dos

Entre o moderno e o tradicional: Serra da Raiz  
1960-1970 / Gerlane Faustino dos Santos. – Guarabira:  
UEPB, 2012.

22f.:il.;Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Maria Nóbrega Araújo.

1. Cidade 2. Moderno 3. Tradicional

I. Título.

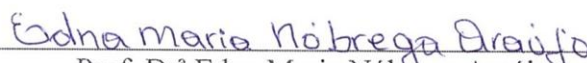
22.ed. CDD 305.4

GERLANE FAUSTINO DOS SANTOS

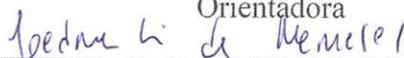
**ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO: SERRA DA RAÍZ 1960/1970**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovado em 11 /12/2012.

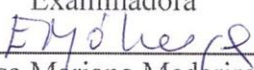
  
Prof. Dr<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo

Orientadora



Prof. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Menezes

Examinadora

  
Prof. Dr<sup>a</sup> Elisa Mariana Medeiros Nóbrega

Examinadora

## **Entre o moderno e o tradicional: Serra da Raiz 1960/1970**

**SANTOS, Gerlane Faustino dos<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

As décadas de 60 e 70 foram as que mais se destacaram quanto as transformações causadas pelos signos modernizadores na cidade de Serra da Raiz, signos estes representados pela vinda da TV, do automóvel, rede elétrica, etc. Desta forma o presente trabalho tem como objetivo mostrar como essas transformações foram acontecendo, como a população encarava tais elementos e como é que o moderno convivia com o tradicional. Para responder tais indagações foram utilizados depoimentos de indivíduos que presenciaram este momento, que tiveram desejos e/ou receio do novo, do desconhecido. Foi através de depoimento, fotografias que se tornou possível alcançar o objetivo deste, ficando perceptível que havia tanto pessoas que se maravilhavam e encantavam-se com o novo, como havia também pessoas que ficavam descontentes com tais mudanças e temiam o fim certos valores morais. Diante destes embates percebe-se que ao mesmo tempo em que a modernidade vai se fixando e tomando espaço o que é tradicional, o antigo não vai se extinguindo, pelo contrário o sentimento muitas vezes causado pelo descontentamento ao progresso mostra como o tradicional estava fortemente entranhado nas raízes de muitos moradores. O texto então é dividido em duas partes, a primeira faz um breve apanhado sobre a história da cidade e a segunda é a que se tratamais precisamente das transformações ocorridas entre 60 e 70 e os embates entre o moderno e o tradicional.

**PALAVRAS CHAVE: Cidade, Moderno, Tradicional.**

---

<sup>1</sup> Gerlane,, foi monitora de história do Brasil durante o ano de 2012  
E-mail: biagerlane@hotmail.com

## 1-INTRODUÇÃO

Falar sobre modernização<sup>2</sup>, modernidade<sup>3</sup>, e modernismo<sup>4</sup>, do novo e do velho, do moderno e do tradicional, em cidades do interior é algo ainda bastante complexo e questionado por muitos. Mas neste trabalho não se pretende abordar tais discussões e sim mostrar como os símbolos de modernidade começaram a adentrar no cotidiano dos moradores da cidade de Serra da Raiz entre as décadas de 1960 e 1970 e como eles se relacionam com os signos modernos materializado no espaço urbano com os planos de modernização: luz elétrica, água encanada, construção de casa, substituindo as casas de “taipa”, calçamento das ruas, chegada da TELPA<sup>5</sup>, melhoramento das estradas, entre outros. E com a chegada da televisão e do automóvel, que representam a velocidade. Velocidade que está intimamente ligada à modernidade. (Mariano, 2010, p.19.) Havia contraponto entre o moderno e o tradicional? Será que o antigo foi deixado de lado? Ou o moderno e o tradicional viviam em embates constantes?

---

<sup>2</sup>A modernidade, se efetivava através de práticas e ideias modernizantes autoritárias. A modernização era difundida como um valor que precisava ser vivido pelas cidades do mundo. Não importa qual era a “necessidade” de todos, o que era tido como necessário, no final do século XIX, era viabilizar caminhos para a modernização chegar. (REZENDE, 1997, p.31-32)

<sup>3</sup> O termo moderno no baixo latim tem o sentido de “recente”, ideia que vai se firmar no século XIV com a divisão da história em antiga, medieval e moderna, sendo o moderno, portanto, o novo. (LE GOFF)

<sup>4</sup> Segundo alguns historiadores a partir XIX o modernismo começou a surgir na Europa com conotações ligadas à questão estética. Já no Brasil o modernismo surge com a semana de arte moderna em 1922, que tinha como objetivo a renovação do movimento literário e artístico rompendo com as formas academicistas. (Seriorja Mariano, Antônio Paulo Rezende, Jacques Le Goff, etc.)

<sup>5</sup>TELPA - Telecomunicações da Paraíba

Após as leituras realizadas sobre a modernidade das grandes cidades, foi possível perceber que a cidade de Serra da Raiz não possuía a situação econômica, social, cultural e populacional dos grandes centros. Serra da Raiz não vivenciou reformas urbanas como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Parahiba do Norte, Campina Grande entre outras. “O que não invalida o significado das mudanças, pois o tempo histórico não é homogêneo, mas atravessado pela multiplicidade”. (MARIANO, 2010, p. 20).

A escolha do tema parte em primeiro lugar, da necessidade de se realizar a história das cidades do interior, uma vez que a historiografia só tem lançado o olhar para as cidades de maior porte e maior “importância” econômica da Paraíba como: João Pessoa, Campina Grande, Patos, Cajazeiras, etc. Em segundo lugar deve-se a minha curiosidade em mergulhar no passado, mergulhar na história da minha cidade. Assim, seguir viagem, reconstruir lembranças, a partir das recordações de pessoas que vivenciaram o momento e que possuem a capacidade de recordar o passado e reconstruí-lo através das recordações por meio das quais é possível mapear a história da cidade. (BREFE, 1996).

Para a construção do presente trabalho foram utilizadas diferentes fontes: livros, teses, dissertações, artigos que abordam a temática, imagens de época e depoimentos.

O recorte temporal, 1960/1970, marca o momento em que ocorreram as primeiras mudanças relacionadas aos signos modernizantes na cidade.

## **2-Origens da cidade de Serra da Raiz**

A cidade que atualmente é chamada de Serra da Raiz (PB) tem suas origens e/ou seu passado remoto, mas que vem ao longo do tempo perpassando sua história de geração em geração através de seus habitantes que desempenham o papel de perpetuadores e de guardiões da memória local, que na tentativa de registrarem a composição do novo espaço urbano e ao mesmo tempo com a preocupação em preservar imagens do antigo tentam “salvar” do esquecimento produzido pela passagem do tempo. (BREFE, 1996).

Em um passado longínquo habitavam nestas áreas índios potiguaras da tribo Iniguaçu, os quais desencadearam muitos conflitos para a expulsão dos franceses da terra da Cupaoba. Esta terra ficou conhecida por serem seus nativos os responsáveis pela famosa tragédia de Tracunhaém que foi ocasionada pelo rapto de uma nativa, filha do chefe Iniguaçu por Diogo Dias, que vindo de Pernambuco instalou-se na Cupaoba e aproveitando a ausência para seu engenho em Pernambuco. Ao saberem que a índia estava presa seus irmãos tentaram levá-la de volta a Cupaoba, porém Diogo não permitiu mesmo depois de recorrer às autoridades os nativos tiveram êxito. E foi este motivo que levou os irmãos da nativa à destruição de todo engenho e todos que nele estavam. Este acontecimento ocorreu por volta do ano de 1574 e serviu de estopim para a criação da Capitania Real da Parahyba.

Como houve em vários lugares do Brasil, durante o processo de colonização e ocupação das terras, em Cupaoba, como era chamada na época, também houve a eliminação dos índios e a divisão da terra por sesmarias. Esta...

Começou a ser devastada por mamelucos de Olinda, franceses, e portugueses, tropas do ouvidor Martin Leitão, que desalojaram os Potiguaras e enxotaram os franceses, e por tropas de Gregório Lopes, que mataram, a cutiladas, o índio taquarassú, um dos principais, e escravizaram os outros índios... (MADRUGA,1955, p.135).

Percebe-se então que a história desta cidade é construída a partir de muitas lutas, conquistas e destruição, palavras que marcam não só a história desta cidade como a de muitas que presenciaram o processo violento de ocupação das terras brasileiras.

Como vimos acima, esta cidade tem suas origens indígenas os nomes dados a esta terra foram sucessivamente: Gahamububa, Copahoba, Cupaoba, SerraCupaoba, Serra daCupaoba, Serra da Raiz, voltou a ser Cupaoba e finalmente em 1795-1796, Serra da Raiz. O termo Serra caracteriza o local de grande altitude onde a cidade está localizada e Cupahoba, Cupaoba ou Copaoba é o nome de uma raiz que se tinha em abundância na localidade e que os nativos utilizavam para a cura de varias enfermidades, cuja raiz não se encontra mais na região. Daí a origem do nome Serra da Raiz. Embora a cidade tenha mudado de nome várias vezes não sofreu alterações na divisão do espaço e das funções urbanas.



A cidade reflete passado e presente. Seu cenário, possui a sua história. História que lembrar o quanto não seria possível viver o momento atual, da forma que se vive, se não tivesse sido possível existir o ontem. O hoje, sem dúvida, uma invenção do ontem. (ARAÚJO, 2010, p. 12)

Apesar de ter suas raízes muito antigas a cidade de Serra da Raiz só veio a se tornar vila e cidade muito tempo depois. Primeiro pertenceu à cidade de Caiçara, foi distrito de paz em 1862, elevada à categoria de vila em 15 de novembro de 1938, depois em 1959 foi emancipada e elevada à categoria de cidade. Sendo os seus primeiros moradores, Major Costa, Bento José da Costa, o qual criou uma rústica indústria de beneficiamento e fiação de algodão, conhecida como "Bolandeira". Também morava na cidade a família do padre Luiz, que posteriormente torna-se uma pessoa de destaque na cidade, possuíam engenhos de açúcar que era uma das principais atividades dos moradores naquele momento juntamente com a agricultura em geral e o sisal, atividade de extração do agave que era vendida para outras cidades para a fabricação de roupas, sacos e etc.

Até a sua emancipação e mesmo depois, a população urbana era bem reduzida, enquanto que a zona rural tinha um maior número de pessoas, por consequência do trabalho nos engenhos que abrigavam a população ao seu redor. Desta forma, na cidade o ar da ruralização era predominante, havia pouquíssimas casas e todas eram feitas de taipa. Não haviam ruas, as poucas casas que existiam eram distantes uma das outras. Situação essa que só começa a mudar após a década de sessenta. Nesse período a cidade vivenciou grandes expectativas em relação às mudanças que passava, as novidades atraentes, que mexeram com hábitos e costumes da população, que de um lado sentia-se encantada e por outro assustada.

### **3-A modernidade e a modernização passam a fazer parte do cotidiano de Serra da Raiz.**

As décadas de 60 e 70 se destacam quanto às iniciativas de implantação de signos modernizadores, é neste momento que a cidade começa a respirar um ar mais moderno.

Encontra-se na administração de João Nepomuceno de Oliveira, mais conhecido como João Beloque trouxe para a cidade a SAELPA<sup>6</sup>, levando a luz elétrica para os espaços públicos e algumas residências; pavimentou ruas, acabando com a poeira, o lamaçal e favorecendo a circulação das pessoas e dos transportes; levou escolas para cada localidade rural, construiu a sede da prefeitura etc. A chegada da luz elétrica, também foi motivo de comemoração por parte da população que passava a viver numa cidade iluminada. Junto com a energia elétrica, chegava outros benefícios para a cidade e também a melhora na qualidade de vida dos seus moradores. A televisão torna-se o objeto de desejo de todos, independente da idade ou segmento social. Todos se encontravam seduzidos com aquele objeto mágico chamado de TV. Ícone da modernidade, os primeiros automóveis que surgiram na cidade pertenciam às pessoas mais ricas, mas todos gostariam de possuir um.

Com todas as mudanças que aconteciam em Serra da Raiz, ia mudando aos poucos o cotidiano dos seus moradores. A simples povoação foi mudando e se expandindo. Cresciam as construções, abriam-se novas ruas, as casas de taipa eram substituídas por casas de tijolos. “Começam outros tempos, seguem-se outras histórias, com suas permanências e suas mudanças.” (REZENDE, 2005, p. 27).

A modernização das cidades brasileiras geralmente se confunde com a implementação dos serviços e equipamentos urbanos, ou com as transformações na paisagem, estando relacionada ao processo de desenvolvimento econômico e conseqüentemente à industrialização. (...) a urbanização da Paraíba também foi resultado do produto nova realidade econômica pela qual o estado passou cujo principal produto foi o algodão. (...) a modernização das cidades também é resultante das questões culturais; o que incide na mudança de mentalidade, ou seja, na nova forma como os sujeitos apreendem o espaço e se relaciona com o meio no qual se encontra inseridos. (CHAGAS, 2010, p.39)

Waldecir Chagas, descreve como se deu a modernização na Capital da Paraíba. De acordo com outros autores como: Serioja Mariano, Edna Nóbrega, Nicolau Sevchenko, Antônio Paulo Rezende, Flávio Teixeira, a modernização aconteceu em diferentes momentos e com as suas especificidades. No caso de Serra da Raiz teve toda uma especificidade. Trata-se de uma cidade do interior da Paraíba, que demorou a

---

<sup>6</sup>SAELPA – Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba.

tornar-se cidade; não possuía indústrias importantes, apenas engenhos e uma pequena fábrica têxtil graças ao algodão da região eo agave, que também era responsável pela questão econômica da cidade. Porém o poder aquisitivo da maioria da população era baixo. Mas não podemos negar que as mudanças interferiram na vida de toda população.

Associada às mudanças urbanas, ocorreu mudanças no cotidiano da população, novos hábitos foram instalados, não apenas na forma de vestir de homens e mulheres como o consumo de produtos de uso pessoal e doméstico. Ou seja, como afirma Chagas, a modernização não se encontra reduzida apenas as ideias de caráter econômico mas também de mudanças de mentalidades.



Foto 01: inauguração da SAELPA. Com a presença de João Agripino e do prefeito João Nepomuceno.

É 1966, e a cidade que era iluminada pelas chamas dos candeeiros, tem a oportunidade de vivenciar a tão sonhada luz elétrica (ver foto 1), uma inovação para a cidade, um artifício que gera a curiosidade daquelas pessoas e a ânsia de trazer aquela novidade para seu dia a dia. Porém, a luz elétrica só chegou às residências das que detinham algum poder aquisitivo. A cobrança de alta taxa fez com que a cobiçada luz elétrica ficasse apenas na vontade da maioria dos Serra-raizenses. É importante ressaltar que na cidade já havia luz movida a motor, e no final do dia a pessoa responsável para acender a luz, girava uma espécie de alavanca e iluminava parte da cidade e as casas de algumas pessoas, iluminação que se dava até as dez horas da noite.

Assim, a cidade tinha seus movimentos limitados durante a noite. A discreta iluminação com que os acendedores de lâmpada apresentavam a cidade colocava sob estreitos limites os deslocamentos das pessoas. Logo depois do pôr do sol, a cidade mergulhava na escuridão, poucas pessoas arriscavam-se a sair de casa, e na monotonia, a cidade dormia meio em silêncio. (ARAÚJO, 2010, p.15).

Com a presença da luz elétrica chegou também a televisão. O primeiro morador a adquirir a TV foi um senhor conhecido por Sr. Manoel Coletor. Segundo uma das pessoas que assistiu a vinda desta, muitas pessoas se reuniam na casa do Sr. Manoel para assistir a TV.

Era uma novidade, todo mundo ficava imaginando como é que aquelas pessoas cabiam ali. Nós nos reuníamos ao redor da TV e ficávamos impressionados com uma invenção tão fantástica, as pessoas mais velhas chegavam a dizer que era uma invenção do “diabo”.

Percebe-se desta forma, que o impacto causado pelo moderno gera não só muita admiração como também espanto e certo receio.

Ter uma televisão em casa era o desejo de cada morador, porém este desejo demorou muito tempo para ser alcançado pela maioria das pessoas. Enquanto isso não acontecia às pessoas se reuniam nas poucas casas que tinham a TV, para assistir as novelas da noite. As novelas eram confundidas com a vida real. Apesar de se tornar uma forte atração na cidade havia quem criticasse a TV. “Depois da dita televisão, muita gente deixou os bons costumes pra lá. Deixam de ir à missa pra ficar assistindo,

preferem as coisas mundanas às coisas que são realmente importantes.” (Depoimento de Maria Serafim dos Santos, Serra da Raiz, Setembro 2012)

Após algum tempo foi colocado uma televisão na praça que fica no centro da cidade, e o centro que já era bem frequentado desde a chegada da energia elétrica teve o fluxo de pessoas ainda maior com o objetivo de assistir jogos de futebol, novelas, programas jornalísticos, etc. Além disso, as pessoas encontravam nesta novidade uma diversão, já que não havia muitas opções de lazer.

A penetração intensa da televisão no Brasil está inscrita na paisagem urbana e rural, nas páginas de revistas, na profusão de aparelhos nos interiores das casas, nas mansões de alto luxo, nos barracos das favelas das cidades grandes, nas casas modestas e nas praças públicas de cidades pequenas. (...) a moda, a gíria e a música que cada novela lança transmitem uma certa noção do que é ser contemporâneo. Personagens usam telefones sem fio, celulares, faxes, computadores, trens, helicópteros, aviões, meios de comunicação e de transporte que atualizam de modo recorrente os padrões do que significa ser moderno. (HAMBURGER, 1998, p.440/443)

O mesmo desejo que a televisão provocou nos habitantes das grandes cidades também provocou nos moradores das pequenas cidades. A aquisição é bem diferenciada, mas o desejo não. Ao contrário, a curiosidade foi bem mais aguçada, porque nem todas as pessoas podiam visualizar de perto o que aparecia na TV.



Foto 02: Praça Iniguaçu.

A foto 02 mostra o local onde era posto a TV aberta ao público. Esta “torre” ficava no centro da Praça Iniguaçu e ao seu redor foram feitos alguns bancos de pedra, que acomodavam os telespectadores, na foto acima os bancos já tinham sido retirados. Alguns anos depois a TV foi roubada do local, e depois sem a televisão para animar os moradores, o local foi “abandonado”. Nesta foto a Praça Iniguaçu estava passando por uma reforma em que a “torre” onde a TV era colocada foi demolida.

A TV foi um dispositivo que demonstrava que a modernidade começara a adentrar na cidade e estimular o consumo dos produtos que apareciam nos diferentes programas, especificamente as roupas usadas pelas estrelas da TV.

Nas décadas de 60 e 70 ocorreu de forma mais intensa a pavimentação de várias ruas. Ruas que até então eram desorganizadas sem alinhamentos, com lamaçais, que dificultava a circulação. A cidade já contava com muitas casas e ruas, e para se tornar

uma cidade dita civilizada com ares modernos, havia a necessidade de pavimentação, ao menos das ruas principais (ver foto 3), como a Bento José da Costa, Presidente Kennedy, etc. No momento em que começaram as obras de pavimentação das ruas principais esse aspecto começa a mudar e a cidade adquire outro cenário que dava um ar civilizado a cidade. “Neste sentido, modernização e civilização se aproximam quando se tratava de requerer para a cidade, por exemplo, uma melhor iluminação ou um melhor abastecimento de água”, (ARAÚJO, 2010, p.15) remodelação das ruas, praças, etc.

As comunidades humanas transformam-se com o passar do tempo, mas há permanências. Há um ritmo nessas mudanças, ora lento, ora veloz. Na construção de cada história, de cada pessoa ou lugar, há um diálogo constante entre o passado e o presente, diálogo muitas vezes silencioso, difícil de ser entendido, porém de uma importância fundamental para o conhecimento/reconhecimento de cada história, povoada de gestos, símbolos, desejos, recordações, esperanças, mistérios. (REZENDE, 2005, p.18).

Apesar de uma população de pouco mais de 900 pessoas<sup>7</sup> que viviam na cidade, trocavam experiências, vivenciavam suas afetividades, possuíam diferenças econômicas e culturais, algumas delas foram encantadas com as mudanças relacionadas com a modernização, e outras que resistiram, “há olhares presos nas imagens dos tempos de outrora, há memórias que temem o futuro como uma grande e destrutiva ameaça.” (REZENDE, 2005, p. 18).

---

<sup>7</sup> Recenseamento geral da Brasil apud Manoel Madruga pg 109.





Foto 03: Rua Major Costa.

A foto 03 mostra a rua Major Costa antes da pavimentação, e com os antigos postes de energia ainda de madeira, algumas casas fora do alinhamento.

Enquanto o processo de pavimentação é colocado em prática visando a modernização das ruas, há quem critique dizendo que, “Com as ruas calçadas os ‘corredores’<sup>8</sup> vão correr ainda mais, e o perigo vai ser maior.” ( Depoimento de Maria Serafim dos Santos, Serra da Raiz, Setembro 2012) Percebe-se aqui mais uma atitude que mostra a resistência à mudança, ao novo. Desta forma,

As contradições da vida moderna são observadas nos projetos de modernização das cidades. Uma modernização que causa polêmica e sedução. As campanhas de habitação e higienização são um exemplo,

---

<sup>8</sup> Refere-se aos motoristas que se exibiam com os poucos automóveis que chegara cidade.



provocando reações e descontentamento na população. (MARIANO, 1999, p. 9).

Os automóveis ainda eram pouco em circulação, tendo em vista também o alto custo deste e o baixo poder aquisitivo da maioria dos moradores da cidade, mas os poucos que circulavam despertavam de um lado admiração e encanto e de outro medo e incômodo. Admiração e encanto por sua velocidade, medo pelo receio de acidentes e incômodo pelo barulho dos motores.

Apesar destes sentimentos a reação das pessoas era de muita curiosidade, as pessoas costumavam tirar foto perto dos automóveis (foto 04), atitude que demonstrava que este era tido como uma forma de poder, já que ter ou mesmo andar em um carro privado era privilégio para poucos. O automóvel além de ser concebido como forma de poder, diminuiu as distancias, uma vez que antes as viagens eram feitas a pé ou a cavalo o que levava dias para serem completadas, já com o carro o mesmo percurso era feito em horas. É interessante ressaltar que o automóvel também facilitou a vinda das cartas e correspondências para a cidade, pois antes estas eram trazidas de trem até a cidade vizinha e umas pessoas ficavam responsáveis para pegá-las e trazê-las para a cidade. Disse uma destas pessoas encarregadas que:

Era muito ruim esse trabalho, pois eram muitas cartas, o telefone ainda não tinha chegado na cidade, e toda comunicação era feita a partir de cartas, então os caixotes eram enormes, sem falar nas encomendas. Então nós muitas vezes, trazíamos estes caixotes em burros, pois nós muitas vezes não dávamos conta do peso. ( Depoimento de Severino do Rêgo, Serra da Raiz, Setembro 2012)



Foto 04: retratos de moças em um automóvel.

A imagem mostra um dos primeiros carros que circulou em Serra da raiz. Uma foto que mostra o prestígio de ter acesso ou estar próximo a um automóvel. Percebe-se nesta foto como as moças estão bem vestidas, o que mostra que o acesso a este bem era restrito a um certo público.

Depois da cidade se vestir de moderna, depois do automóvel diminuir as distâncias, as pessoas também precisavam se vestir com roupas e acessórios modernos, e as roupas modernas eram aquelas inspiradas nos artistas visualizados pela TV. Outra forma de ter acesso á moda era o contato com pessoas que viviam no Sul e visitavam a cidade trazendo com sigo modos diferentes de agir, e vestir. Os que podiam comprar roupas se deslocavam para outras cidades para adquirir estas, que eram bem costuradas, feitas com tecidos caros, elegantes e leves. Os que não podiam comprar os tecidos caros, compravam tecidos mais simples e mandavam pra a costureira ou mesmo, costuravam como sabiam. “Vestir-se com uma cambraia de linho, casimira ou seda era um denotativo de elegância e da nova condição.” (CHAGAS, 2010, p.43).

Os habitantes não só “vestiam” as cidades de modernidade, mas se “vestiam” também com características que os tornaram urbanos e modernos. Passaram a desejar o que era “novo”, em termos de vestuário, de melhoramentos possibilitados por novas tecnologias ou em termos de frequentar novos espaços criados pela remodelação da cidade. O consumo e a corrida pelos emblemas denotativos da modernidade tornaram-se características da época. (CHAGAS, 2010, p. 40).

Fazer uma comparação entre a modernidade da cidade da Parahyba e de Serra da Raiz, não seria adequado, mas os sonhos em relação a aquisição dos signos modernos são semelhantes. O desejo pelo novo, a corrida pelo consumo era característica também da população de Serra da Raiz.

Data ainda destas décadas, a vinda da TELPA<sup>9</sup> que favoreceu a comunicação entre as pessoas da cidade bem como com outras localidades. Inicialmente havia um estabelecimento para se fazer as ligações, depois surgiram os “orelhões”, estes eram espalhados pela cidade e com uso de fichas realizava as ligações. Inicialmente as locais e depois para outras localidades mais distantes, outros Estados. Apesar das novas características que a cidade foi ganhando, havia ainda a necessidade de se ampliar os contatos entre os moradores de Serra da Raiz. O que vai ser realizado a partir do final da década de 1970 com a implantação da TELPA, Rede de Telefonia da Paraíba. A chegada do telefone, contribuiu não apenas para a comunicação local mas deu a oportunidade das pessoas falarem com seus parentes que se encontravam distante. Como o telefone fixo era pouco utilizado pela população mais pobre havia os “orelhões”, espalhados pela cidade que funcionavam com o uso de fichas. Com a chegada do telefone facilitou também a rapidez para a chegada das informações, uma vez que por meio de cartas às notícias levavam algum tempo para chegar, e através do telefone era possível falar diretamente com as pessoas queridas, tornando-se mais compensatório, principalmente pela emoção proporcionada ao falar com os familiares e amigos. Embora “as pessoas tivessem que esperar em filas para pegar as fichas, principalmente aos domingos que era o dia de maior movimento no estabelecimento” ninguém reclamava da espera. (Depoimento de José Ribeiro da Silva, Serra da Raiz, Outubro 2012).

---

<sup>9</sup>TELPA- Telecomunicações da Paraíba.



Imagem 05: Reportagem retirada da revista anual das obras realizadas durante o mandato do Governo de Tarcísio Burty.

#### 4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, é possível observar que Serra da Raiz, passou por vários conflitos antes de se tornar cidade, e mesmo depois da emancipação continuou com poucos habitantes, devido ao trabalho que muitos realizavam ser basicamente no interior. A cidade praticamente não possuía traços de desenvolvimento urbano. Foi somente entre as décadas de 1960 e 1970 após a chegada de vários signos modernos que a cidade

ganhou aspectos urbanos. As velhas imagens da pacata cidade de ruas desalinhadas e caminhos de terra, mesclam-se com a visão de uma cidade que desponta como um quadro inacabado, ao passar por modificações no seu cenário onde o velho e o novo, o tradicional e o moderno misturam-se compondo tramas inéditos que repercute não só no espaço como também no cotidiano das pessoas. (BREFE, 1996).

A cidade é, na verdade, a grande moradia dos homens, ponto de encontro e desencontro dos seus sonhos e dos seus desejos, cenário principal dos tempos modernos. (...)nem tudo pode ser esclarecido ou contado, descoberto ou revelado. Assim, a construção da história lida com limites, defronta-se com as armadilhas da memória, com as tantas perdas materiais que evitam que certos acontecimentos sejam registrados, com os conflitos políticos que criam versões que se chocam, confundindo e provocando debates. É sempre recolocada a questão: para que serve a história? Ou outra., talvez ainda mais complexa: qual é a história verdadeira? Contar a história é enfrentar dúvidas, é não perder de vista que há uma relação entre o que se conta e o que se faz. No diálogo entre o passado e o presente, entraram também as expectativas, que temos diante do futuro. As perguntas que o historiador faz e a história que ele escreve estão articuladas com as questões do tempo no qual vive, não são neutras, mas marcadas pela sua época e pela sua subjetividade. (REZENDE, 2005, p. 18).

## ABSTRACT

The 60s and 70s were the ones that stood out how the changes caused by the signs of modernization in the city of Serra Root, these signs represented by the coming of television, the automobile, electricity, etc.. Thus this paper aims to show how these changes were happening, how people viewed these elements and how they lived the modern with the traditional. To answer these questions we used testimonials from individuals who witnessed this moment, they had desires and / or do fear, the unknown. It was through testimony, photographs became possible to achieve this goal, becoming noticeable that there were both people who were astonished, was delighted with the new, as there were also people who were unhappy with the changes, fearing the end of certain moral values. Given these clashes realizes that while that modernity vai settling and taking space that is traditional, the former will not be extinguished, however the feeling often caused by discontent progress shows how traditional was strongly entrenched the roots of many residents. The text is then divided into two parts, the first is an overview of the history of the city and the second is that it precisely but the changes occurred between 60 and 70 and the conflicts between modern and traditional.

**KEYWORDS:** City, Modern, Traditional.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, Wellington, Octávio, José. **Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro**. 2ed. João Pessoa: FUNCEP, 1989.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega, MENESES, Joedna Reis. “Tessituras da Modernidade”. In: ABRANTES, Alômia; Santos Neto, Martinho Guedes dos. **Outras histórias: Cultura e Poder na Paraíba**. (1889-1930). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. “A cidade das memórias: São Paulo dos relatos memorialistas” In: **História**. São Paulo, 15: 161-174, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. “Urbanidade, Modernidade e Cotidiano na Parahyba de início do século XX”. In: ABRANTES, Alômia; Santos Neto, Martinho Guedes dos. **Outras histórias: Cultura e Poder na Paraíba**. (1889-1930). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril, cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “O imaginário Moderno no Brasil”. IN: **A invenção do Brasil moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HONORATO, Rosana. **Cidade entrevista**. João Pessoa. Ed: Universitária/UFPB, 1993.

KROPF, Simone Petragia. “Os construtores da cidade: discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XX.” IN: **Cultura e cidade**. São Paulo: EDUC, 1996. ( Projeto história-13)

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

LEAL, Wills. **Memorial da festa das neves**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1992.

MARIANO, Seriorja Rodrigues Cordeiro. **Signos em confronto: O arcaico e o moderno na princesa (PB) dos anos vinte**. Recife: UFPE, 1999. (Dissertação de mestrado)

MADRUGA, Manoel. **Serra da Raiz**. Rio de Janeiro: Jornal do comercio, 1955.

OCTÁVIO, José. **Os coretos no cotidiano de uma cidade: lazer e classe sociais na capitania da Parahyba**. João Pessoa: Fundação Cultural do Estado da Paraíba, 1990.

PONTES, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social – 1860/1930**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Multigraf, 1993.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: A Utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890 – 1930**. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNARPE, 1997.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. 2ed. João Pessoa: A união, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. (Org) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TEIXEIRA, Flavio Weinstein. “Imagens de um cotidiano.” IN: **Saeculum: Revista de História**. Nº 2. João Pessoa: Universitária, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: Na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

#### **Outras referências:**

Revista anual das obras do Governo Tarcisio Burity, 1979.

Fotos cedidas pelos depoentes.

Depoimentos cedidos a autora:

José Ribeiro da Silva, Serra da Raiz, Setembro 2012.

Maria Serafim dos Santos, Serra da Raiz, Setembro 2012.

Severino do Rêgo, Serra da Raiz, Setembro 2012.